



Lula e Alcolumbre: vai ficar mais fácil ou mais difícil?

Um Senado até não tão de direita assim

Na semana em que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) conseguiu sentar com os presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), do Senado, Davi Alcolumbre (União Brasil-AP), e destravar a pauta do Congresso, as pesquisas de intenção de voto mais recentes em cada estado ajudam a dar um panorama do que ele enfrentará no Congresso no ano que vem, caso seja reeleito. Ou do que enfrentará seu principal adversário, Flávio Bolsonaro (PL), dado que os levantamentos hoje não parecem apontar maior chance dos demais adversários. Se Lula, ainda que às vezes aos trancos e barrancos, consegue azeitar uma relação com um Congresso por vezes hostil hoje, talvez ele consiga manter o mesmo em 2027. Quanto a Flávio Bolsonaro, ele teria maioria, mas talvez não tão confortável como a direita chegou a pensar em momentos anteriores da disputa.

Diversas situações de empate

Há diversas situações de empate para o Senado em vários estados, conforme as pesquisas. Então, as contas feitas aqui vão extrapolar naturalmente o número de vagas na disputa, duas em cada estado. Levando-se em conta os perfis dos candidatos, e não exatamente os seus partidos, é possível dizer que há uma chance de se elegerem até 30 senadores que tenderiam a ser aliados de Lula em um eventual quarto governo. E 38 que bem provavelmente fariam oposição a ele. E há outros 14 que parecem orbitar mais ao centro.



Manuela D'Ávila: chance numa região conservadora

Surpresas em estados conservadores

O eleitor é um sujeito que tem suas espertezas e raciocínios. E não necessariamente tem grande alinhamento ideológico. Assim, algumas vezes tende a ter um comportamento mais conservador nas escolhas que faz para presidente e governador. E nem tanto para o Senado. As pesquisas registram diversas surpresas em estados que tenderiam a ser mais conservadores. O PL, por exemplo, tem chance de eleger os três governadores da região Sul. Mas Manuela D'Ávila (Psol) tem aparecido sempre forte no Rio Grande do Sul.

Chances também no Paraná

E ainda no Rio Grande do Sul com chances também Paulo Pimenta (PT). Gleisi Hoffmann (PT) e Dr. Rosinha (PT) têm possibilidades no Paraná. No Distrito Federal, estado onde Flávio Bolsonaro lidera para a Presidência, com uma aliada, Celina Leão (PP), favorita ao governo, Leila do Vôlei (PDT) tende a ficar com uma das vagas. A outra deverá ser de Michelle Bolsonaro (PL).

São Paulo

Em São Paulo, a última Quaest turbinou as chances de Guilherme Derrite (PL). Até então, as pesquisas apontavam para o Senado o domínio de aliados de Lula. Mas no maior estado do país, com favoritismo de Tarcísio de Freitas (Republicanos), Lula deverá eleger pelo menos uma aliada, ou Marina Silva (Rede) ou Simone Tebet (PSB).

Rio

O mesmo deve acontecer no Rio de Janeiro e Minas Gerais. No Rio, o favorito para o governo é aliado de Lula, Eduardo Paes (PSD). A hoje deputada Benedita da Silva (PT) tem chance de ficar com uma das vagas para o Senado. Embora haja ali, segundo a Quaest, grande situação de empate, o provável é a outra vaga ficar para a oposição.

Minas

O senador Cleitinho (Republicanos), que lidera para o governo de Minas, é um fenômeno difícil de explicar. Inclusive por sua liderança após tanta hesitação. Fará oposição ou não a um eventual novo governo de Lula? Nem ele parece muito capaz de dizer. De qualquer modo, a ex-prefeita de Contagem Marília Campos (PT) tem boa chance.

Bahia

O ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil) lidera na Bahia, embora esteja apertada a disputa com o governador Jerônimo Rodrigues (PT), que tenta a reeleição. Ali, porém, não parece haver muita dúvida da grande chance de o PT eleger os dois senadores, com o ex-ministro da Casa Civil Rui Costa e o hoje já senador Jaques Wagner.

Pernambuco

Em Pernambuco, outra situação que parece hoje favorecer Lula. Ele apoia oficialmente para o governo João Campos (PSB), mas Raquel Lyra (PSD) também arrasta uma asa para o hoje presidente da República. No caso do Senado, tudo parece indicar que as duas vagas serão de aliados do presidente: Marília Arraes e Humberto Costa.

Santa Catarina

Há, porém, onde a oposição impera. Caso de Santa Catarina, onde Jorginho Mello (PL) pode ser reeleito governador no primeiro turno. Ali, o desarranjo que houve nas alianças não deve tirar a vaga da oposição. Esperidião Amin foi escanteado da chapa de Mello, mas disputa com os dois nomes do PL, Carlos Bolsonaro e Caroline de Toni.



O americano Jim Caviezel interpreta Bolsonaro no filme

Documentos de Dark Horse chegam à Polícia Federal

Informações abrem nova etapa de investigação sobre o filme

Da **Redação**

Os documentos do filme “Dark Horse”, cinebiografia do ex-presidente Jair Bolsonaro, mudaram de endereço nesta semana. Saíram da Polícia Civil de São Paulo e chegaram à Polícia Federal, em Brasília, depois de uma determinação do ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal (STF).

No pacote, estão depoimentos, documentos, dados extraídos de celulares e outras informações reunidas durante uma operação realizada em junho contra a empresária Karina Gama, dona da Go Up Entertainment, produtora responsável pelo filme inspirado na trajetória de Bolsonaro.

A chegada desse material dá à PF novas peças para montar um quebra-cabeça que já vinha sendo investigado por caminhos diferentes: quem colocou dinheiro no filme, como esses recursos circularam e onde terminaram.

A Polícia Federal mantém duas frentes relacionadas à produção. Em uma delas, autorizada pelo ministro André Mendonça, os investigadores apuram o financiamento de “Dark Horse”. Em outra, sob relatoria de Dino, a PF investiga a possibilidade de

repasses de emendas parlamentares a empresas ligadas à produtora.

Agora, os dados obtidos em São Paulo poderão ser confrontados com informações já reunidas nos inquéritos federais.

Para o advogado criminalista Marcus Gusmão, esse cruzamento pode ajudar a reconstruir a dinâmica financeira do projeto. “A partir desses dados, será possível traçar melhor todos os possíveis envolvimento, se há valores envolvidos, as origens desses valores e toda a dinâmica dos fatos para verificar a possível ocorrência de crimes”, afirma.

O desafio aumenta quando parte desse caminho passa pelo exterior. Uma perícia sobre as contas da produção apontou que cerca de 70% dos recursos foram gastos nos Estados Unidos. Foram R\$ 54 milhões de um orçamento de aproximadamente R\$ 75 milhões.

Segundo Gusmão, hoje as autoridades dispõem de sistemas capazes de reconstruir a trilha do dinheiro, inclusive em situações de ocultação ou dissimulação. Quando os valores cruzam fronteiras, porém, entram em cena outras leis, acordos de cooperação e pedidos de informação.